

André de Resende e a Crónica do Mouro Rasis

Os amadores da paleo-literatura peninsular não esqueceram seguramente que o erudito antiquário eborense *Mestre André de Resende*¹ foi possuidor e explorador de um exemplar (ou, melhor, do único, e por isso preciosíssimo, exemplar de que há noticia) de um texto histórico árabe do século x, traduzido por trecentistas portugueses, talvez por instigação de elrei D. Dinis: a *Geografia e História de Espanha do Mouro Rasis*². Esta tradução, segundo deduzo dos factos pouco a pouco apurados pela laboriosidade científica dos nossos vizinhos³, já não representava o genuíno *Rasis*, denominado por antonomásia o *Cronista (At-tarji)*, mas antes uma

¹ Quanto aos prenomes *Lúcio* e *Angelo*, que André de Resende antepôs, na sua mocidade, ao seu verdadeiro nome de baptismo, a fim de latinizá-lo bem, assim como a respeito de todos os escritos de Resende de que terei de falar, o leitor encontra amplas e seguras informações na obra magistral de A. Braamcamp Freire, intitulada *Noticias da Vida de André de Resende pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira, publicadas, anotadas e aditadas...* (1916). Referências à *Crónica de Rasis*, há-as a pp. 95 e xvi.

² *Rasis*, ortografado ás vezes *Rases* (o que mostra que o acento tónico está no á), mais exactamente *Ahmed Ar-Râzi Ben Mohammed-Ben-Muza*, conforme se vê no proprio texto, § 3, ou com o nome completo, que é uma verdadeira genealogia, *Ahmed Ben Mohammed Ben-Muza Abu Bequer Ar-Razî, Andalusi Cordovi*, é corrupção da designação étnica *Razi*, que significa: 1) natural de *Ray* ou *Rayya* da Pérsia; 2) descendente duma família vinda de *Ray*. Este último é o caso do cronista: Seu pai *Mohammed Ben-Boxejo Ben Chenad Ben Lakit Al Quenani*, viera da Pérsia a Espanha cêrca de 865, onde floresceu no reinado de Al-Haquem I, Abderrahman II e Mohammed I. O cronista pertence ao reinado de Abderrahman III. E o filho continuou a obra, que se occupava em especial da dinastia dos Omayyadas (Beni-Omeya) até Al-Haquem II, de alcunha Al-Mostansir-billah (976), ou até Xixem II, e seu ministro Almanzor.

³ A importância do *Livro de Rasis*, quanto às *Cosas de Espanha* ou *Antiquidades de Espanha*, era tal que os historiadores árabo-espanhóis posteriores o citavam a cada passo, muita vez à letra, e os da Espanha cristã, como o Arcebispo D. Rodrigo (Ximenez de Rada) o aproveitavam igualmente, com mais alguma liberdade. Nos alvares da sciência, na época do Renascimento, também foi utilizado como fonte pelos mais sérios e eruditos investigadores, embora não falte quem o tratasse de inepto, fabulista e mero compilador de crônicas, eivado de patranhas.

Nos tempos modernos a sua importância foi criteriosamente patenteada, com vasto saber, pelo arabista castelhano Pascual de Gayangos, numa *Memoria sobre la autenticidad de la Cronica denominada del Moro Rasis*, impressa pela Academia de la Historia de Madrid (*Memorias*, vol. VIII, 1852), depois de

redacção continuada¹ (e porventura compendiada) por outros Muçulmanos, entre os quais figurava seu próprio filho *Isa* e um *Mohammed*—homónimo daquele Mouro aportuguesado que na vila do Marmelar fôra ditando, entre 1279 e 1315, *tant bien que mal*, ao capelão Gil Perez o que dizia o texto árabe².

Diego Clemencín a haver invalidado, apesar do valor que lhe attribuía, num *Examen y juicio de la descripción de España, atribuida al Moro Rasis* (vol. VII).

Com relação a uma parte do *Livro*, que Gayangos ainda julgava apócrifa e desprezível, invenção arbitraria dos tradutores portugueses, esta opinião foi combatida eficazmente por E. Saavedra num *Estudio sobre la invasión de los Arabes en España* (1892). Quanto a essa, que contém o reinado do último rei godó, embora não tam novelescamente contado como na última redacção de 1344, há trabalhos scientificos de extraordinário valor dos irmãos Menendez Pidal, D. Ramón e D. Juan. De D. Ramón: *La Leyenda de los Infantes de Lara* (1896); *Catálogo de Crónicas Generales de España* (1898); *Primera Crónica General de España* (1906); *Discurso sobre la Crónica General* (1916); *Cantar de mio Cid* (1906); e de D. Juan: *Leyendas del último Rey Godo* (1906). Valioso é também o estudo sobre o mesmo D. Rodrigo e Rasis, de Menendez y Pelayo (*Antologia* XI, cap. II, p. 133-175).

Quanto ao arabista belga R. Dozy, desconheço a *Introdução à Crónica de Ibn-Adhasi*, mas não os dois volumes *Recherches*, 3.^a ed. (de 1881) nem a *Histoire des Musulmans d'Espagne* (1861).

¹ O genuíno *Livro de Rasis* parecia-se, salvo erro, com a redacção de que Gayangos publicou dois Extractos, ou duas Partes, deixando por publicar a terceira, do meio, que julgava apócrifa.

As publicadas são a Primeira Parte, geográfica, ou seja a *Descrição da Espanha árabe* (Apêndice I, de Gayangos); e a Terceira, ou seja os *Anais* dos reis sarracenos que governaram em Espanha, desde a batalha do Guadalete até o fim da dinastia dos Omayyadas (711-977), (Apêndice II, de Gayangos). A Segunda tratava da península antes da irrupção dos Muhamedanos; e incompleta no manuscrito de Morales, porque lhe faltava o reinado de Rodrigo, occupava relativamente pouco espaço, dando só em resumo uma resenha da povoação nos tempos fabulosos, vinda de fenícios e cartagineses, dominação dos romanos, série dos reis godos.

O *Livro de Rasis* continuado levava os dinastas árabes até Hixem II.

E sómente o ampliado de 1344 continha, em redacção desproporcionada-mente extensa e poética, as aventuras e amores de D. Rodrigo.

² *Tant bien que mal*—adulterando principalmente os nomes próprios. Quem vê que no Rasis hispanizado *Wamba* tem o nome de *Benete*; *Ervijio* o de *Etanto*; *Eyica* o de *Abarca*; *Witiza* o de *Acosta* ou *Costa*; e que *Abdulaziz* ficou sendo *Belaçim* ou *Abelaçim*; *Abu-Beger*, *Abubenquina* e também *Altobucar*; e *Abdalla*, *Adela*, etc., pasma evidentemente. Só o comprehende quem, conhecendo as consoantes árabes *pontuadas* e a representação gráfica das vogais, não ignora quanto custa ler textos *sem moção*; e quanto o apanhar com o ouvido, e transcrever, palavras duma língua estrangeira.

Talvez Mestre Mohamed seja o intérprete Mahomad que, residindo em

Vagamente êsses «antiquários» de hoje estarão lembrados também de que houve dúvidas, não só acêrca da autenticidade do texto português, de que se utilizaram Resende e Gaspar Barreiros¹, e da versão castelhana aproveitada por Morales e Argote de Molina, mas também discussões a respeito do original, nunca visto, a não ser por autores sarracenos; discussões igualmente acêrca da figura do Rasis e do soberano cujo historiôgrafo fôra.

Pouco provável me parece todavia que os interessados conheçam as evoluções dos diversos problemas resendianos e rasisianos, e a impossibilidade de serem satisfactoriamente resolvidos, sem prévia publicação, integral, não só do *Rasis*², mas também de outras *Crônicas de Espanha e Portugal*³, em que o *Livro do Mouro* foi interpolado, com extensos acrescentos novelescos sôbre o assunto magno da perdição de Espanha: a curiosidade fatal do último rei godo que abriera a misteriosa Casa dos Reis de Toledo, desvendando as profecias sôbre os Árabes; as suas aventuras amorosas com a filha do Conde D. Julião (aquela que figura nas apócrifas oitavas⁴ pseudo-arcaicas do *Rouço da Cava*) e os resultados funestos dêsses amores.

Sentindo-me capaz de alinhar a pontos largos o tema «Rasis Resende» — alargando assim uma NOTA duma *Memória sôbre Crônicas Gerais de Espanha e Portugal*, que redigi para os meus alunos de Filologia de 1913 a 1914⁵ — ofereço as páginas seguintes ao ve-

Toledo, assinou diversos documentos históricos de Ciudad-Real que traduzira por ordem de Afonso XI. — Vid. *Boletín de la Academia de la Historia*, vol. VII, p. 370, e vol. XXXIII, p. 247, Nota 2.^a

¹ *Chorografia*, fl. 4 (1561).

² Se juntarmos às 30 páginas do Apêndice I de Gayangos e às 33 do Apêndice II as 20 dadas à luz por Saavedra, e outras tantas impressas por Pidal no *Catálogo*, ainda não possuímos o *Rasis* completo. É um exemplar pouco fácil de manejar. Uma nova edição, em forma de livro, deveria apresentar ao lado do texto castelhano a retroversão portuguesa, de que me ocupo no fim deste esboço, e os trechos latinizados por Mestre André.

³ As de 1344 e 1457, pelo menos.

⁴ Vid. *Miscelânea de Leitão de Andrada*, *Dialogo* XVI (1609). — Do século VIII, segundo os crédulos!

Tratei dêsse Fragmento-Relíquia num estudo geral sôbre os *Apócrifos da literatura portuguesa*.

⁵ Essas LIÇÕES sôbre *Crônicas Gerais* ainda não fôram publicadas, porque me faltavam na ocasião (e continuam a faltar) fac-similes importantes, de Paris, da *Crônica Geral de 1457*, que eu encomendara aos bons cuidados do illustre director da *Revue Hispanique*.

nerando destinatário deste número do *Archeologo Português*, pedindo desculpa da ousadia.

*

Lógicamente principio com os trechos latinos e o passo português em que o *Livro de Rasis* foi utilizado por Mestre André, decênios antes que o apontassem outros Humanistas, nacionais e estrangeiros¹. Em regra elogia-o como autor fidedigno e defensor de opiniões sensatas sobre arqueologia, muito embora acompanhe quasi sempre os seus louvores, especiais, com censuras gerais ao *Bárbaro*, *Infiel*, *Pagão* por ser pouco sabedor de cousas latinas, mau intérprete dos livros sagrados, e propagador leviano de fábulas².

Quatro são os assuntos com relação aos quais Resende, traduzindo-os, transcreve trechos de Rasis, às vezes extensos³. O confronto

Na minha *História da Literatura Portuguesa* o *Livro de Rasis* não ficou mencionado senão concisamente (Grøber, *Grundriss* II b, p. 211).

Na sua *Literatura Espanhola* Gottfried Baist dá algumas indicações (*Ibid.*, pp. 417 e 437), insufficientes todavia.

¹ Eis, cronologicamente ordenadas, as referências a Rasis: *Adnotationes in Vincentium* (1545). Nota 4.^a e 8.^a—*Antiguidades de Évora* cap. xi e xii (1553).—*Epistola ad Vaseum De Colonia Pacensi* (1553).—*Epistola Ad Bartolomeum Kebedium Pro Sanctis Christi Martyribus Vincentio Olisiponensi Patrono, Sabina et Christethide Eborensibus civibus & ad quaedam alia Responsio* (1567).—Na carta que escreveu a Ambrosio de Morales, em resposta à de 30 de Janeiro de 1570 que recebera do notável historiador, não há alusões a Rasis. Dessa data em diante, tendo sido obsequiado com um exemplar do *Vicente*, é que o eloquente e criterioso continuador da *Crónica General* se interessou pelo historiógrafo árabe, facto êsse de que há provas, tanto na sua *Historia de España* (1574) como nas *Antigüedades de las Ciudades de España* (1577).

² Veja-se, por exemplo, o cap. xi da *Antiguidade de Évora* e na Carta a Quevedo o trecho seguinte: «Is igitur Rases de montibus, fluminibus et urbibus ante Romanos, de Romanis ac Gothis, nonnulla commode, permulta inepte, quo pacto ethnici scriptores atque poëtæ de rebus sacris diuinæ scripturæ quasi per somnium loquuti sunt, omnia fabulis inuoluentes. Vt tamen ad Saracenorū regum compertiora sibi tempora deuenit, non contemnendus scriptor iudicandus est». Cfr. Nota 29.

³ Quem tiver ao seu dispor as OBRAS de Resende, impressas em Colónia (1600), deve procurar e ler no tōmo I, as pp. 283, 286, 288, e no tōmo II, as pp. 64 e 65, 134, 163, 167, 174.

A p. 64 do vol. II umas dez linhas traduzidas; a p. 65 mais dezanove; a pp. 164-165 as mesmas em redacção divergente, e mais doze, e cinco novas; a pp. 286-288 do vol. I duas páginas inteiras em versão livre, não grifada e seguida da notula «Hæc Rases». Ou, na *Antiguidade de Évora*: «Assim Rases.

dêles com os correspondentes castelhanos, e com as retroversões delas a portuguez, abona a sua veracidade quanto ao manuscrito que possuía¹, mas por desgraça nunca mais foi explorado após o seu falecimento (1573),—apesar de ter passado a livrarias de outros eruditos, e ter desaparecido sómente ao cabo de dois séculos, provávelmente para sempre.

Do primeiro dêses assuntos,—a cidade de *Beja* ou *Pax Julia*—, tratou Mestre André minuciosamente na Epístola *Pro Colonia Pacensi* àquele João Vaseu que, com Clenardo, viera à península, contratado por D. Fernando Colombo e se ficara em Salamanca; de passagem também em outra, complexa, dirigida ao cônego da Catedral de Toledo, Bartolomeu Quevedo.

Do segundo tema,—a sua própria terra natal—, occupou-se naturalmente, na *História da Antiguidade da cidade de Évora*, sobretudo nos capitulos XI e XII, dedicados à cidade de Sertório nas mãos dos Mourôs².

Do terceiro tema—o corpo-reliquia de S. Vicente, achado em Valença no tempo de Abderahman³—, o filho de Moabi fala com particular interesse nas ANOTAÇÕES explicativas do poema épico que consagrou ao Padroeiro de Lisboa; e novamente na *Carta*, já citada, a Quevedo.

Do quarto ponto,—a divisão das Espanhas, por Constantino, em seis bispados—, discorre nas duas obras que acabo de mencionar. E, bom é lembrá-lo, o testemunho do Mouro, a respeito dessa divisão, já fôra invocado, *si vera est fama*, em 1239, numa questão da

Mas segundo ho screne confuso he necessario per coniecturas addivinhar.—Os dizeres relativos a S. Vicente tem o seu paralelo em Gayangos (Apêndice II, § 29) e, em forma muito reduzida, na *Crónica Geral* de 1457 (cap. 192).

¹ Gayangos parece que hesitou bastante quanto à veracidade do Eborense. No princípio da sua *Memoria* diz: «De la versión portuguesa de este libro, *dado caso la hubiese*, no se conoce exemplar alguno». Em outro sitio fala de duas versões castelhanas feitas sobre a portuguesa. Em ainda outro afirma que o manuscrito de Resende (Barreiros) não era senão um riscunho do de Morales e do Tolodano. De resto, dá a prova de que vários historiadores árabo-espanhóis, mais modernos que Rasis, o copiaram à letra, e que muitos trechos correspondentes, colacionados com a tradução castelhana (e a portuguesa, acrescento eu), documentam a autenticidade.

² Cap. XI: *Rasis Historici Arabi de Eborense Episcopatu testimonium*; e cap. XII: *De Ebore a Mauris captæ statu*.

³ Resende diz (quero dizer que na edição de 1600 das suas OBRAS se lê) Abderahman IV, em vez de III.

Igreja de Toledo contra a de Tarragona, por causa de Valença, arrancada aos Mouros por Jaime, o *Conquistador*¹.

*

Os pormenores que nessas ocasiões Resende dá a respeito do seu manuscrito são preciosos, conquanto nem de longe sejam tam abundantes nem tam precisos como o critério moderno o exigiria. É exclusivamente por êle que sabemos por quem e quando o *Livro de Rasis* foi traduzido.

Explicando ao Cónego de Toledo quem êsse Mouro fôra, chama-o, na certeza de comunicar novidades:

Historiôgrafo de Dalharab Miramolim de Marrocos e do rei de Cordova;

*Rases Maurus Dalharab Marrochiorum Miramolini ac Cordubae regis historicus*²,

para em seguida transcrever os dizeres, a modo de título ou argumento, que caracterizavam ou classificavam o volume, repetindo o que, alguns lustros antes, êle indicara no seu *Vicente*³, e também, em portuguez, na *Antiguidade de Évora*.

Libri titulus est: Incipit liber Rase historici Dalharab Marrochiorum Miramolini Cordubaque regis quem ipsius iussu composuit.

*Versus est in linguam lusitanam ex arabico per me magistrum Machometum Saracenum nobilem architectum. Et scribebat mecum Aegidius Petri clericus Domini Petri Ioannide Portellensis, patris*⁴ *Domini Ioannis Auolini.*

Em portuguez, sem a classificação de architecto (*alarife*), e sem a nota relativa às ordens do rei de Córdova, diz o seguinte:

«Rasis Mouro, cronista de Miramolim de Marrocos scrcueo hũ liuro das cousas de Hispania. Ho qual liuro foi de lingua arabica trasladado em Portughes aper meestre Mafamede, Mouro dos que

¹ Eu entendo que o livro submetido a Mouros e Judeus era o texto árabe Gayangos, deseioso de estabelecer que Castela precedeu Portugal na nacionalização do *Livro de Rasis*, pensa numa tradução espanhola, anterior a Gil Perez.

² *Opera* II, 193.

³ *Ibid.*, p. 64. Nota 4.^a: «Exstat annalium regum Saracenorum qui in Hispaniis post cladem Gothicam regnaverunt quem librum Rases Saracenus historiographus Miramolini Marrochiorum Cordubae regis arabice scripsit atque ex arabica lingua in lusitanam vertit Magister Machometus itidem Saracenus».

⁴ *Patris* é lapso por *filii*.

em Portugal sohia haver & screveo com elle hũ Gil Perez, capelão de Pedreanes de Portel, filho de dom Joam de Avoim»¹.

Digno de nota é que dos dois códices antigos —tidos em conta de traduzidos do português de Gil Perez, apesar dos escrúpulos de Gayangos— um (o de Morales) esteja falho da fórmula relativa aos tradutores; e no de Toledo ela tenha teor bem diverso—tam diverso que sugere a idea da existência dum exemplar-modelo, copiado com bastante liberdade por vários.

«Et nos Maestre Mahomad et Gil Perez, clerigo de Don Peynos² Porcel³, por mandado del muy noble rrei Don Dionis, por la gracia de Dios rrei de Portugal, trasladamos este libro de arabigo en lengua portogalesa, et ternemos por bien de seguir el su curso de Rasi. De mi Gil Perez os digo que non menti⁴ mas nin menos de quanto me dixeron Mahomad et los otros que me leieron»⁵. (Ed. de Gayangos, § 2).

Importante declaração (adulterada) que atesta a boa-fé do tradutor, mesmo aos olhos de Gayangos.

*

Na designação de Rasis como funcionário letrado (escrivão, historiador, cronista) dum *Miramolim* de Marrocos, chamado *Dalharab*, que ao mesmo tempo era rei de Córdova, é que está, no modelo português e na versão castelhana, o aparentemente triplo desatino que tem indisposto os Arabistas contra o nosso Resende.

¹ Por se dirigir ao Príncipe D. João, a quem dedicou o livrinho, e em geral a Portugueses, é que Resende juntou ao nome *D. João de Aboim* a explicação: «ho que deu ha villa do Marmellar ha ordem de sanct Joam», e em abono dela citou o *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro (título 35, § 9, e título 22, § 3. *Dos Sousa*).— Quem desejar conhecer melhor esse lial vassallo e valido de D. Afonso III, que foi um dos mais distintos trovadores do seu tempo (c. 1213 a c. 1284), assim como seu filho Pedro Eanes de Portel (c. 1246 a c. 1315), abra outra obra valiosa de A. Braamcamp Freire e Pedro de Azevedo, *O Livro dos Bens de D. João de Portel*; ou então o vol. iv do *Arquivo Histórico* (pp. 106-194 e 195-360). Cfr. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, 355.

² *Peynos*, leitura errada de *Po* (*Pedro*, abreviado) *Eanes*.

³ *Porcel* por *Portel*, porque o *t* baixo da escrita medieval se parecia muitíssimo com *c*.

⁴ Erro evidente por *meti*!

⁵ Erro não menos evidente, mas mais difícil de corrigir. Talvez: *que com ele leieron*, ou *que para mi leieron*. Em ambos os casos Mestre Mafamede não trabalhava só, mas com mais alguns peritos mouros.

Cronista dum rei de Córdoba,—o qual, segundo o próprio *Livro*, era aquelle Al-Haquem II (Alacan, nas traducções) que faleceu no ano 366 dos Muçulmanos (isto é, no 976 ou 977 de Cristo)¹, ou o seu antecessor Abderahman III,—está bem; muito bem.

Mas que qualquer desses dois nomes illustres fôsse substituído pelo desconhecido, e até hoje inexplicado, de *Dalharab*, e que o tal *Dalharab* seja intitulado *Miramolim*, de mais a mais de *Marrocos*, está mal, está péssimo, na opinião de Gayangos e Dozy, visto que sómente os califas do Oriente, senhores das cidades santas de Meca e Medina, tinham jus a denominar-se *Emir dos crentes*; e a cidade de Marrocos foi fundada apenas em 1077.

Injusto é contudo imputar a Resende culpas que são, quer de Gil Perez e Mestre Mafamed, quer de copistas (do trabalho dos dois ou do original de Rasis).

A suposição que algum deles acrescentasse *honoris causa* a rei de Córdoba aquilo de *Dalharab* e *Miramolim*, e sobretudo a especificação de *Miramolim* de *Marrocos*, não parece desacertada. Lembro todavia a respeito do título que, segundo as duas autoridades já tantas vezes alegadas, foram exactamente os últimos Omayadas de Córdoba (em cujo serviço Rasis esteve) que o usurparam para si². No passo final do *Livro* (que é ao mesmo tempo o passo final do Episódio de D. Rodrigo) o *Miramolim* volta a aparecer como quem mandou³ compô-lo, em harmonia com o que Resende explicou a Quevedo!

¹ Resende (II, p. 174) equipara o ano 366 (muçulmano) ao 990.^o de Cristo, e não ao 977.^o, como faz quem, segundo a regra, toma para ponto de partida a fugida de Mohamed de Meca a Medina (611). Propositadamente não dou mais pormenores. Vid. Dozy, *Histoire*, III, 133.

² Vid. Dozy, *Histoire*, III, p. 49, e Gayangos, Apêndice I, §§ 12 e 15.—Ao Apêndice II foi dado pelo Arabista, na *Memoria*, o título de: *Historia de los Beni-Umeyya* e no cabeçalho o de: *Historia de la España arabe, desde sua conquista por Tariq Ben Zeyjad hasta la muerte de Al-Haquem Al-Mostansi-billah, noveno rei de Cordova, de la estirpe de Umeyya*.

³ No códice de Morales o *Livro* acaba com o parágrafo seguinte: «Et estonçe embiaron selo a dizer a *Mirabomelim*, et este Mirabomelim fiçola; et por esta raçon mando poner en eserito la hacienda del rey D. Rodrigo et compo-ner este libro, et assi compuesto andaua la era de los moros en 366 años. Et este Mirabomelim agradesciolo mucho, et non quiso parar mientes á lo que antes auian errado. Era señor grande et de buen seso et auia grant poder et otrosi auia grant plaçer en aquellos que trabajauan et le façian estas cosas atales et de los que eran sabedores et entendidos». Passo êste que Gayangos, segundo as suas ideias scépticas, acompanhou com a nota seguinte: «Por lo demás lo que aqui se cuenta

Quanto a *Marrocos*, o nome existia muito antes da cidade, como termo étnico, e aparece freqüentemente como equivalente de *Berberia*, *Mauritânia*, *África*, *Além-mar* em textos coevos.

Sómente a respeito de *Dalharab* não cheguei a apurar coisa alguma. ¿Corrução duma alcunha, composta de duas raízes, dada a Al-Haquem ou a Abderrahman? Mas qual?

Ligando importância maior aos dizeres dos tradutores do que aos do verdadeiro autor, procedimento que lastimo mas compreendo, o Eborense não chega a expor qual era o título e o conteúdo do *Livro árabe*; talvez porque achasse escuros os dizeres complicados do original, bárbaramente transpostos para neo-latino¹, tais como se conservam, ainda mais deturpados pelos copistas, porventura, na tradução castelhana. Delas e das indicações que o próprio Resende dá a Quevedo, ressalta todavia que êle constava das três partes que conhecemos: a *Geografia*; a *História de Espanha antes da irrupção dos Árabes*; a *História da Espanha árabe até o último dos Beni-Omeia*².

Explicações materiais faltam por completo. Resende deixa de dizer: se o seu códice era membranáceo ou de papel? um in-folio ou in-quarto? do século que decorre de 1250 a 1350, ou moderno? original ou cópia? tirada por quem, onde e quando? (pode ser que pelo próprio humanista, cuja letra tam clara e bela é um gosto ler).

de Miramolim á quien se consultó sobre cual de los hermanos de Al-Haquem habia de ser rey, y que mandó poner por escrito la hacienda del rey D. Rodrigo parece añadidura de los traductores». (Apêndice II, § 39).

Urge conferi-lo com o passo correspondente da *Segunda Crónica General*, de 1344, e da versão portuguesa, em que aparece o mesmo Myramolim «que fez meter em escripto a vyda e morte del rey rrodrigo e compoer este livro. (cap. VIII, p. 186, da impressão de 1863).

¹ Gayangos, Apêndice I, § 2. Mal se percebe que é o próprio Cronista que fala na primeira pessoa («compuse este livro—começo en Espanha»), e que promete dar primeiro a *Geografia*, depois a *História dos Romanos e Godos* e, finalmente, a dos Mouros até Abderrahman e Almanzor (caso eu interprete bem *o fylo de Alfaquí* por *Alfaquí*), pormenor que faz supor que o cronista que fala não seja o próprio Rasis Al-Taríji, mas sim seu filho e continuador.

² Resende relata que o Mouro dizia ora cousas boas, ora inépcias, tanto, acêrca dos montes, rios e lugares de Espanha (Parte I, *Geografia*), como acêrca dos mais vetustos reinantes, não sómente pre-romanos, mas também de origem latina e gótica (Parte II, *Espanha anterior à invasão árabe*), naquele estilo em que escritores e poetas pagãos costumam dissertar sôbre cousas sagradas, sonhando e envolvendo tudo em fábulas. Depois acrescenta que, chegado aos reinantes sarracenos (Parte III, *Espanha árabe*), Rasis era autor não deprecando. Cfr. Nota 9.

Nem diz onde lhe constava ficara o exemplar-módulo. O original árabe foi provavelmente queimado pela Ordem de S. João, no Marmelar, depois de utilizado, em virtude daquele pio fanatismo de que há tantas provas.

Apesar do silêncio de Resende não ignoramos porém todas essas particularidades. O fadário do *Livro* permitiu sabermos, pelo menos, que era um in-fólio e de letra moderna: translado, portanto.

No século XVII, depois da morte do único filho de Mestre André¹, o manuscrito passara (por compra) às mãos de outro letrado Eborense: o benemérito cônego e chantre da catedral, Manuel Severim de Faria (1583-1655)². E, com numerosos trabalhos inéditos da lavoura desse autor e outros manuscritos preciosos que colleccionara, entrou (durante a segunda metade do século) na opulenta livraria dos Condes de Vimieiro. Nessa estava quando em 1724 o 4.º Conde da Ericeira, o estimado polígrafo D. Francisco Xavier de Meneses, deu contas, perante a *Academia da História Portuguesa*, das investigações que nela fizera, prometendo falar de todos os 400 volumes. De 27 de Abril até 16 de Novembro de 1724, e novamente em 1728, occupou-se de duzentos apenas.

É *vox publica*, e infelizmente muito acreditável, que o *Livro de Rasis*, com toda a livraria dos paços dos Vimieiros, percesse no terremoto de 1755, pôsto que alguns manuscritos de Severim se conservem na Biblioteca Nacional³.

Pois bem: ao comunicar no dia 28 de Junho que encontrara o precioso códice que fôra de Resende, e em seguida a dar, a 13 de Julho, algumas noticias mais pormenorizadas⁴, o Conde declarou que o n.º 146 dos manuscritos que ia inventariando era um *in-folio de letra moderna*. Para o original assenta a data 976; para a tradução portugueza a de 1312. Afirma que Mestre Mafamede fôra o explicador, e Gil Perez⁵, capelão de elrei D. Dinis⁶, quem escrevia.

¹ Barnabé de Resende faleceu em 1596.

² Lembra-me haver encontrado nos escritos de Severim referências a manuscritos de Resende, por êle adquiridos. Mas não tomei nota dos sítios.

³ A respeito de manuscritos não-inventariados pelo Conde de Ericeira, seguramente por não terem ingressado na livraria dos Vimieiros, veja-se o estudo de J. Leite de Vasconcelos, *Severim de Faria*, I, 1917.

⁴ *Academia da História*, 1724: Parcela N.º XVII, p. 9; e N.º XIX, p. 6.

⁵ *Gil Eanes*, por lapso.

⁶ Pode ser que o nome de D. Dinis entrasse *per nefas* nas notas do Conde de Ericeira, que naturalmente conhecia os depolmentos de Morales e Nicolas Antonio. Confira-se todavia Brandão, *Monarquia Lusitana*, v, livro xv, cap. 3.

E dá parte de que a *Geografia* constava de 34 capítulos, e a *História* de 25, numerados de 35 a 59¹. Do número das fôlhas nada diz². Nem registou os cabeçalhos dos capítulos, que muito nos auxiliariam.

*

Ainda assim, apesar de o volume de Resende se ter perdido, restam importantes vestígios d'êle. Resta mesmo o *Rasis completo* em tradução de terceira e quarta mão, alterado porventura nas proporções.

Já aludi à tradução castelhana do século XIV e à retroversão portuguesa, provavelmente, do século XV.

Da tradução castelhana subsistem, soltos, dois exemplares antigos, além de numerosas cópias dos séculos XVI e XVII.

Um dos dois antigos, da primeira metade do século XIV (talvez de 1312), pertenceu a Ambrósio de Morales, correligionário e correspondente de Resende (1513-1591)³; passou a ser propriedade de Argote de Molina⁴ e está hoje na Biblioteca do Escorial, difficilmente acessível, ao que parece (A). O outro, na posse outrora do Colégio de Santa Catalina de Toledo, está arrecadado agora na livraria da Catedral dessa Roma espanhola. De 1400, segundo Gayangos (B).

Quanto ao texto, há variantes numerosas entre os dois, muitas das quais parecem ser, não meras alterações devidas a copistas, mas antes a redactores diferenciados, que se cingiam ao sentido,

¹ Os 34 capítulos da *Geografia* são os do Apêndice I de Gayangos, e correspondem, comquanto repartidos diversamente, aos 35 (13 a 47) da *História Geral de Espanha*, de que o Dr. Nunes de Carvalho publicou metade (Coimbra 1863.)— Os 25 da *História de Espanha* talvez sejam 162 a 192 do texto citado. Pouco mais ou menos, visto êle ser uma refundição de terceira mão, às vezes reduzida, às vezes alargada.

² O *Rasis* da Biblioteca Régia de Madrid consta de apenas 32 fôlhas. Mas não é completo.

Na *Memória* de Gayangos, da qual a parte do meio foi excluída, os Apêndices preenchem sessenta e tres páginas.— Os autores árabes que falam do *Livro de Rasis*, tratam-no de grosso ou volumoso.

³ Repito que o erudito Cordovês trocou *Cartas e Obras* com o Eborense em 1570.— Activo literariamente desde 1546, começou a dar provas do seu interesse pelo *Livro de Rasis* em 1574, conforme está expresso na Nota 10.

⁴ O autor da *Nobreza de Andalucia* (1588) nomeia o Mouro na Bibliografia que precede aquela notável publicação.

e não à letra do texto que um Mestre Mafamede português lhes explicava. Já o deixei dito mais acima.

Além disso há lacunas em ambos, sobretudo na parte novelesca, relativa ao último rei godo, quer os copistas deixassem em branco as respectivas páginas, quer leitores escrupulosos as arrancassem¹.

A contém a *Descrição* e os *Anais*; e entre essas partes principais apenas apontamentos, relativamente breves, sobre os reinantes godos até Wamba². Em B há igualmente a *Geografia*; mas em vez da parte árabe, de que carece, existe a do meio, relativa à *História de Espanha*, falha só no fim³.

Com relação às didascalias iniciais, já deixei dito que a relativa aos tradutores, comunicada por Mestre André, não entrou no exemplar de Morales, existindo contudo no toledano, báralhada, deturpada e incompleta⁴.

¹ A última hipótese parece a verdadeira. Veja-se todavia Menendez Pelayo, *Antología*, xi, p. 145: «Tan fabuloso pareció este cuento (sc. o de D. Rodrigo) á los mismos copistas de la Crónica del moro *Rasis* que, por mal empleado escrupulo de conciencia histórica, *dejaron de transcribirle*, resultando en los códices mas famosos, como el de Santa Catalina de Toledo y el que perteneció á Ambrosio de Morales, una considerable laguna, precisamente en el sitio que debía contener la aventura de la hija de D. Julian». — *Deixaram de transcrever?* ou leitores escrupulosos arrancaram o escrito?

² Gayangos diz a p. 8: «El exemplar que disfrutó Ambrosio de Morales solo contiene la descripción topográfica de la España árabe, unos breves apuntes de los reyes godos desde Athanasio hasta Wamba y la parte puramente arábiga. . . . Toda aquella parte de la crónica que hace relación a la población de España, venida de fenicios y cartagineses y tiempos de la dominación romana hasta la irrupción de los vándalos, suevos y otras naciones del Norte falta del todo en el ejemplar de Morales y la sucesión de los reyes godos que en el código toledano ocupa muchas hojas, está referida en aquel en muy escasos renglones».

³ «Al (sc. código) de Morales falta una ó más hojas desde la muerte de Wamba hasta la batalla del Guadalete» (p. 8.)

⁴ O sentido d'esses dizeres, adulterados e abreviados no código de Gayangos, no Toledano, nos da Biblioteca Régia de Madrid (N.º 14 e 15), deve ter sido o seguinte: «No nome de Deus Amen: muitas cousas meteu Deus no homem: entendimento, espirito, vontade e lhe deu lume como a um espelho seu. Para que as cousas que se passam neste mundo não fôsem esquecidas, *compus eu* este livro (em outros traslados há o verbo na 3.ª pessoa e no passivo: foi composto). E primeiramente *começo* com as vilas, os lugares e rios de Espanha. Depois direi quais foram os reis e césares. E direi dos Godos como vieram. E dos Muslimes, como entrou Tarife e Muza e Abderrahman e Almanzor. E direi quem fez a Igreja (*axemi*) de Córdova e o paço de Riçafa». Como no fim dessa rubrica apareça Abubequer, filho de Muza Ar-Razi, é possível que duas redacções diversas, a do pai e a continuada do filho, fôsem fundidas nos traslados.

A impressão das duas partes, que todos julgavam autênticas, foi promovida por Pascual de Gayangos (em 1852), acompanhada da *Memória sobre a autenticidade* e de anotações preciosas.

Da parte do meio, de interesse magno para os que estudam literaturas, possuímos até hoje apenas as páginas publicadas em 1862 por E. Saavedra, e o resumo de Gayangos (pp. 64-66).

Quanto às folhas que faltam, — em que provavelmente se contavam os amores de D. Rodrigo e a filha do Conde Julião, de modo resumido —, elas foram supeditadas em 1898 por D. Ramón Menéndez Pidal, que as descobriu, interpoladas, em outro texto histórico de grande alcance.

*

Eis o que revelou o insigne investigador das *Crónicas Generales* e dos *Cantares de gesta*¹.

A *Crónica* de Rasis existe inteira (no seu estado mais completo) na *Crónica Geral*.

Não na *Primeira*, mandada fazer por Afonso, o *Sábio*, embora os vácuos da proto-história já estejam preenchidos nela com lendas tradicionais e poesias prosificadas². É na *Segunda, refundida* (conquanto grandíssimas partes entrassem inalteradas nela), redigida em tempo de Afonso XI, o muito castelhano, que se encontra o *Livro de Rasis*, entremetido aos pedaços, em diversos sítios nos diversos traslados, e talvez aumentado³ ou amplificado.

Essa refundição, datada de 31 de Janeiro de 1344 num dos melhores códices, agradou sobremaneira aos coevos e à posteridade, exactamente por conter quantas notícias históricas e tradições poéticas se achavam vulgarizadas então; isto é, abundante matéria novelesca, parte da qual parece ser a prosificação de *Cantares de gesta*. Substituiu por completo a *Primeira*, e foi reproduzida e explorada du-

¹ No *Catálogo de Crónicas Generales de España manuscritas, e Infantes de Lara*, p. 394.

² Se abstrairmos de *Abenalfarax* e *Alhuacazi*, etc., que historiaram os feitos do Cide, nenhum cronista árabe contribuiu para a *Primeira Crónica Geral*.

³ Há quem suspeite que o desconhecido compilador da *Segunda Crónica* foi também o primeiro inventor da novela de el-rei D. Rodrigo, retocada um século mais tarde (1443) por Pedro del Corral. E a extensão desproporcionada do episódio de D. Rodrigo, a incoerência do relato, a deslocação das parcelas, a multidão de figuras históricas que nele surgem, os discursos e as cartas, tornam pelo menos provável que se trate de originaes fabricados nos alvares dos romances de cavalaria.

rante dois séculos, de sorte que existem numerosas cópias, e numerosas derivações, refazimentos parciais e integrais, e traduções.

Nem todos os exemplares trazem a História do último rei godo: sua curiosidade voluntariosa que o levou a abrir em Toledo, na Casa dos Reis, a arca dos evangelhos, em que estava guardado o lenço com profecias a respeito da perdição da Espanha, efectuada pela vinda de gente do Levante, com turbantes na cabeça e arcos turquis às costas; e a história dos seus amores com Alataba, filha do Conde Julião, assim como o casamento da viúva de D. Rodrigo com Abdulaziz (Belaçarim), tam poéticamente estilizada que parece haurida num *Cantar*, segundo o sentir de D. Juan Menendez Pidal, malgrado erudito, de finíssima têmpera, que analisou a Lenda com arte e engenho.

Completo há dois manuscritos da crónica de 1344 em Madrid, na *Biblioteca Régia*, aliás muito incorrectos. Do melhor deles (marcado 2-I-2 — N.º 15 do *Catálogo*, ou *M* nos *Infantes de Lara*, p. 384) provêm as vinte e tantas páginas com as quais D. Ramón preencheu a lacuna do *Livro de Rasis*¹. Começando onde acaba *B*, termina onde é o fim da lacuna de *A*.

*

A redacção castelhana do *Livro de Rasis*, tal qual anda interpolada na *Crónica Geral* de 1344 (fundamentalmente igual à dos dois manuscritos independentes), tornou a ser vertida para português. *Retrovertida*. E isso numa linguagem arcaica como a dos trovadores, eivada embora com formas modernizadas, do tempo de transição, que historicamente é o da segunda dinastia borgonhesa. *Retrovertida*: mas quando? e por instigação de quem?

O filho mais letrado de elrei D. Dinis, D. Pedro, Conde de Barcelos (1354), poeta e coleccionador de um *Livro das Cantigas*, que legou a Afonso XI de Castela, aproveitou a então nova redacção da *Crónica Geral* no *Livro das Linhagens*, e talvez tirasse de lá a bela descrição da batalha do Salado. Bem possível é chamasse para ela a atenção de algum seu apaniguado. Mas também não seria de estranhar que só decénios depois, perto de 1400, o seu desejo vingasse, e um Infante da *insigne geração* mandasse realizar o plano. Cronologicamente essa hipótese é mesmo a mais racional, visto que a *Primeira* crónica mal acabava de ser traduzida no tempo de D. Dinis, tal qual o *Livro de Rasis* e as *Sete Partidas*.

¹ *Catálogo*, pp. 26 a 49 (f. 26^d a 36^d do original).

Do tempo de D. João I é, quanto à caligrafia e linguagem, uma das duas *Crônicas de Espanha* que tenho em vista, e pertence desde 1878 à Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, códice tam ricamente iluminado e belamente escrito em pergaminho como não há nenhum em Espanha¹.

A outra é posterior ainda: de 1457; e de grande valor. Saída das mãos do *Condestável D. Pedro*, cujo brasão e cuja divisa—*Payne pour joye*—se vê no frontispício, escrita portanto durante o reinado de Afonso V, acha-se, desde os dias do cardeal Mazarin, na Biblioteca Nacional de Paris².

Se quanto ao exemplar de Lisboa apenas posso afirmar (louvando-me em Menendez Pidal) que êle representa a verdadeira *Crônica de 1344*, mas não deriva dos exemplares mais puros dela, provindo antes duma redacção alterada na frase³, sem saber ao certo que aspecto tem nela o *Livro de Rasis*, conheço um pouco melhor o manuscrito de Paris, em que êle figura, na sua totalidade e conforme com uma das refundições que se escreveram entre 1344 e 1443. E quem quer pode verificá-lo, visto que a primeira metade dessa *História Geral de Espanha* saú impressa, em virtude dos esforços dum benemérito professor da Universidade de Coimbra. O Sr. António Nunes de Carvalho⁴ teve a paixão e paciência suficientes para, com as suas próprias mãos, tirar cópia das quinhentas e oito páginas do códice, e em seguida mandou imprimi-las à sua custa⁵. Mas, chegado ao meio da revisão, perdeu o ânimo, perante a indiferença do público, e parou⁶.

Estudando, no exemplar que possuo e devo à amizade de Bruno, (sem a fôlha litografada), o texto, que dá margem a infinitas observações, reconheci que, derivado de um refazimento da *Geral* de 1344, aparentemente duma família a que pertence o manuscrito 2-M-5

¹ No meu estudo inédito, citado na Nota 9.^a, ocupei-me a fundo tanto dêsse manuscrito da Academia (de que possuo uma série de fotocópias relativas à morte de D. Fernando, o Magno), como do de Paris. O de Lisboa (Academia, Gabinete 5, Estante 2; códice de 323 fôlhas, incompleto no fim) deriva dum códice marcado U por Menendez Pidal (propriedade de D. Francisco Zabalburu). Vid. *Infantes de Lara*, p. 394. Cfr. *Catálogo* da Livraria do Conde de Castelo Melhor, N.º 50.

² Morel-Fatio, *Catalogue des Manuscrits Espagnols et des Manuscrits Portugais* (Paris 1892), p. 248: N.º 4.

³ «La expresión, no el fondo de la narración, es lo que alteraron», dizia-me em 1914 o ilustre Romanista.

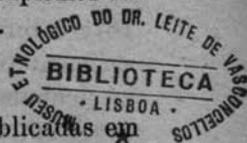
⁴ Vid. Innocência da Silva, vol. I, 213; VIII, 261; e X, 25.

⁵ Êsse autógrafa existe.

⁶ De 573 capítulos, saíram 202 (em 192 páginas).

da Biblioteca Régia de Madrid, elle contém, alteradas embora, as duas parcelas principais do *Livro de Rasis: a Geografia*, nos capítulos 13 a 47; a *História de D. Rodrigo*, nos capítulos 172-195.

*



E colacionando essa última parte com as páginas publicadas em 1898¹, escritas com um desleixo extraordinário, encontrei provas curiosas dum facto que não escapara aos olhos argutos de Pidal: no texto castelhano, interpolado em 1344 na *Crónica Geral*, há ainda restos do português de Gil Perez: lusismos, como *o rei por elrei*, e *esteo por pilar, pilastral*

Dos mais casos que descobri vou registar um², bastante curioso.

Desdobrando o lenço pintado da arca que abrira na Casa de Hércules é que D. Rodrigo vê: *alaraves figurados con sus tocas en sus cabeças e en sus manos lanças con pendones e sus espadas a los cuellos e sus bestias trasi e en los arzones de las sillas sus lingueras* (sic), p. 34, f. 30.

Quem conhece a Lenda e sabe que se trata de Árabes *a cavalo*, com turbantes, armados de *ballestas* e frechas³, guardadas naturalmente em *aljabas*, adivinha logo que *bestia* é um êrro crasso, tradução errada do português *besta* que com *ê* fechado é realmente *bestia* (transformado por atracção do *i* em *beista*), mas com *ê* aberto corresponde a *beesta*, *baesta* de *balista* — único termo que dá sentido no passo citado.

Verificando depois, encontrará na redacção portuguesa: *allarues fegurados com toucas em suas cabeças e em suas mãos lanças com pendoões e suas espadas a seus collos e suas beestas tras ssy nos arçoões das sellas*. (Cap. 175).

E fica então certo de que o tradutor, não compreendendo *e suas beestas trassi*, transcreveu literalmente a fórmula inalterada, acrescentando em seguida o significado que lhe parecia verossímil: *e en los arzones de sus sillas lingaveras*⁴. Mas o copista pôs *bestias* por *beestas*.

¹ Com ajuda do texto português podemos emendar muito o deturpadíssimo texto castelhano, desfazendo erros e preenchendo lacunas.

² Já apontei um desses lusismos, em 1908, na *Revista Lusitana*, xi, p. 38: *Anfaz* (em castelhano tem a forma culta e rara *antifaz*) corrompido em *aufas*!

³ Na *Primeira Crónica Geral*, cap. 553 (p. 307), as *ballestas* aparecem na descrição dos ginetes.

⁴ Ainda não descobri a etimologia de *linjavera*, embora a procure desde 1844 (*Jahrbuch*, xiii), confrontando-a com o sinónimo *aljavera* de *aljaba*; e com *cañavera*. — Estará por ventura por *lenha-vera*?

Deixando à margem uma longa série de minúcias, acabo perguntando como foi que formas dum texto, traduzido no tempo de D. Dinis — antes de 1315 — de árabe para português, se conservaram, através de vários traslados para castelhano e de novo para português, até 1457?

E respondo que um exemplar do trabalho de Gil Perez e Mestre Mafamede estaria na posse do último tradutor (ou dos últimos tradutores) que, a fim de pouparem esforços, e talvez para serem mais correctos, se serviram dêsse *Livro de Rasis*, e não da versão castelhana.

Sendo assim, ainda haveria esperança de algum exemplar se ter salvo. Oxalá apareça! E no entretanto publique-se entre nós a *Crónica* do tempo de D. João I, e a de Paris; e no país vizinho a *Crónica de 1344*. E em terceiro lugar, aqui ou acolá, o texto completo do *Rasis*, com todas as variantes.

Porto, Julho de 1919.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

Estudos sôbre a época do bronze em Portugal

(Vid. *O Arch. Port.*, XIII, 300)

VIII

Tesouro do Casal dos Fiéis-de-Deus

Por 1893 ou 1894, ao fazerem-se excavações agrarias em umas campinas do Casal dos Fiéis-de-Deus, freguesia do Carvalhal, antigo concelho de Obidos, hoje do Bombarral, appareceram, numa area de 2 metros quadrados, a 1 metro de fundo, doze objectos de que passo a falar:

seis braceletes abertos, maciços, lisos, mais estreitos nas extremidades do que no corpo, de secção quadrangular ou sub-quadrangular, sendo porém curvos alguns dos lados d'ela (vid. figs. 1 a 6, tamanho natural); o machado 6.º está mutilado;

folha de lança, incompleta, de vasado circular (vid. fig. 7; de 0^m,14 de comprimento);

a parte inferior da lâmina de um machado de alvado quadrangular (vid. fig. 8; de 0^m,083 de comprimento);